

Girolamo Cardano

Um médico renascentista

Raul Emerich*

Girolamo Cardano foi uma figura emblemática do Renascimento, período fascinante em que a ciência moderna dava seus primeiros passos. Astrólogo, inventor, matemático, escritor, filósofo e precursor dos sistemas experimentais, Cardano considerava-se, acima de tudo, um médico.

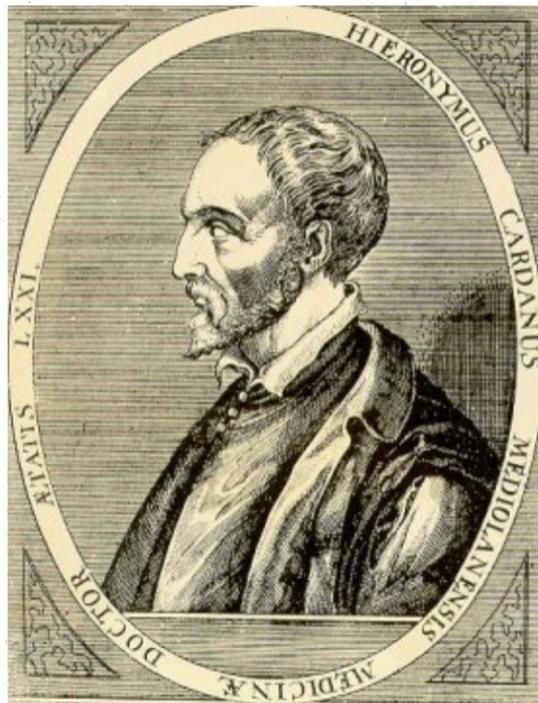
O contexto em que a mente do gênio se desenvolveu era fértil, mas tumultuado. Em 1501, ano de seu nascimento, o ducado de Milão acabara de ser invadido. A dinastia Sforza, que alçara a capital da Lombardia a um posto de excelência nas artes, comércio e trato dos metais, tinha despertado a inveja dos vizinhos franceses. Para piorar, a peste voltava à cidade.

Leonardo da Vinci, seu mais famoso habitante, amigo do pai de Cardano, decidira tentar a carreira em outras terras, deixando para trás a Santa Ceia estampada na parede do refeitório da igreja *Santa Maria delle Grazie*. A obra era revolucionária; mostrava figuras humanizadas e usava os conceitos mais modernos de perspectiva e sobreposição de cores.

O Renascimento mostrou a imagem de um novo homem, aquele que poderíamos chamar de moderno, seguro de si. A partir dos pincéis

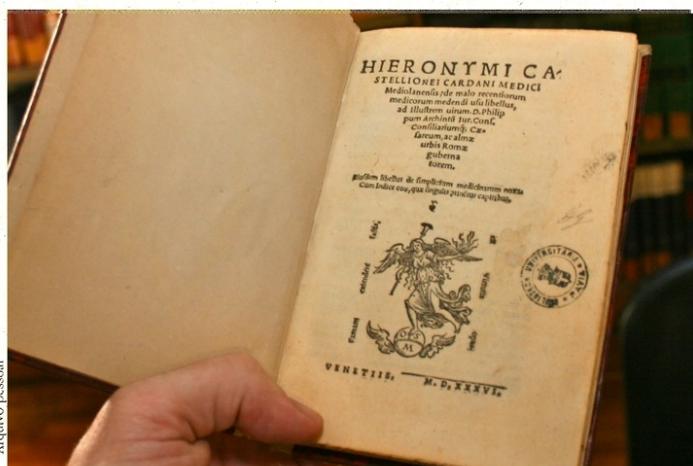
dos artistas da época, emergiram – além de figuras religiosas com feições humanas – embaixadores, advogados, cientistas, descobridores e intelectuais independentes. É também neste momento que se sobressaem os “Homens de Letras”, os *Viri Litterati*.

Havia tensões, claro. A italiana Isotta Nogarola, por tentar fazer parte do grupo dos letrados, acabou sendo forçada a ir para um convento. O retrocesso do papel da mulher na sociedade foi um exemplo marcante dessa contradição.



Após uma infância difícil, Cardano foi para Pavia, cidade vizinha a Milão, para estudar na centenária escola de Medicina. Nas prateleiras dos livreiros da cidade, os manuscritos perdiam lugar para o livro impresso. Segundo o historiador Peter Burke, já existiam 50 universidades europeias no início do século 16, mas o ápice da Renascença não aconteceria se não existisse a imprensa e seu mais incrível produto, o livro, perfeito para a difusão da informação em grande escala.

Os livreiros, de olho no novo mercado, eram a síntese da junção empresário-intelectual. O humanista veneziano Aldus Manutius, por



O livro de Cardano, *De Malo Medendi*, de 1536, foi um sucesso editorial

exemplo, fluente em latim e grego, inventou a letra itálica para permitir que mais palavras coubessem em uma página, além de popularizar o *octavo*, o tamanho mais utilizado pelas editoras desde então.

Cardano abraçou a novidade e passou a escrever. Seu primeiro livro, publicado em 1536 – *De malo Recentiorum Medicorum Medendi* (*Sobre a má prática dos médicos modernos*) –, foi um sucesso editorial, mas causou mal-estar no meio médico, pois falava daqueles que eram arrogantes, importavam-se mais com roupa e carruagem do que com o sofrimento dos pacientes e cometiam erros no exercício da profissão. Um desses erros seria confundir o sarampo com a doença que chamou de *morbis pulicaris* (“semelhante à picada de inseto”), a primeira descrição do tifo.

Manipular *De Malo Medendi* pode causar estranheza, pois cabe na palma da mão. A qualidade do produto, no entanto, surpreende. Ele não existiria se o papel não tivesse sido reinventado na Europa. A *carta christiana*, ou papel cristão, resultado da força hidráulica que macerava os trapos de linho, às vezes misturado à gordura animal, permitiu a maleabilidade na impressão, com maior longevidade.

Apesar do sucesso de Cardano, o Colegiado dos Médicos de Milão recusava-se a permitir seu

exercício profissional. O pretexto: seus pais não eram casados. Naquela época, legitimidade era um assunto muito sério. Inabalável, fez fama ao ganhar debates, um evento que tinha a mesma repercussão de uma final de campeonato, e continuou a escrever compulsivamente sobre uma vasta gama de assuntos, inclusive sobre as próprias mazelas, para espanto e admiração de seus conterrâneos: impotência, fluxos de urina, ciclos de insônia, crises de falta de ar...

Em uma das publicações, atestou sua capacidade de livrar seus pacientes da asma e *phthisi* (um diagnóstico amplo e confuso que incluía, possivelmente, a tuberculose). Então, em um belo dia de 1551, recebeu em sua casa um mensageiro com um irrecusável saco de moedas de ouro para convencê-lo a fazer a consulta de um líder político e asmático de um “longínquo e bárbaro” país do norte da Europa, a Escócia. Afinal, corria a notícia que o italiano teria a cura da asma.

Quando o convite chegou, os dois pacientes “curados”, que serviram de base para o relato, já estavam mortos. Tarde demais. Cardano aceitou o desafio (e as moedas), mesmo sabendo que não tinha o poder de cura.

Em sua autobiografia, contou como atravessou os Alpes sentado em uma mula, passou por



O médico Raul Emerich analisa o livro de Cardano na biblioteca de livros antigos *Società Storica Lombarda*, na Itália

Lyon, foi recebido com pompa em Paris e rumou para o norte da Grã-Bretanha. Após um mês analisando o dia a dia do obeso, estressado e sedentário arcebispo escocês, de nome John Hamilton, o médico italiano elaborou um detalhado plano de tratamento. As medidas ambientais estavam no topo da lista: diminuir a inalação da fumaça de carvão e retirar todas as penas do quarto – travesseiro, colchão e almofadas.

Em artigo de 2006, Gillian Vallance afirma que este seria o primeiro caso de orientação de higiene ambiental antialérgica, quase quatro séculos antes da criação da palavra “alergia”.

O sono e a alimentação foram regulados, assim como os exercícios físicos e as horas de trabalho e de descanso. A receita prescrita não deixa de ser risível para os clínicos atuais: emplastro de alcatrão grego, mostarda, eufórbia e mel, junto com uma pasta feita com o corpo de moscas. O fato é que o paciente melhorou tanto que a fama do médico de Milão explodiu em toda a Europa. Príncipes e nobres solicitavam seus serviços. Foi recebido pelo rei na Inglaterra. Voltou para casa, 11 meses depois, como verdadeiro herói. Uma história de tratamento da asma sem paralelo até então.

A inveja que despertou nos colegas acadêmicos, no entanto, acabou se transformando na

força maior para a sua derrocada, e a independência de pensamento originou a perseguição que sofreu pela Inquisição. Por mais que considerasse as energias imateriais – crença forte em sua época –, recusava-se a encaminhar o paciente ao vigário quando a doença ultrapassava os três dias (a causa do prolongamento, segundo a Igreja, seria um pecado grave).

Algumas observações visionárias de Cardano estavam muito à frente de seu tempo. Ele registrou que os sonhos deveriam ser vasculhados e interpretados; que os cegos, no futuro, aprenderiam a ler com as mãos; que os portadores de deficiência física teriam capacidade de inserção social (“o homem é sua mente”). Escreveu o primeiro livro sobre probabilidade que se tem notícia (*De Ludo Alae*), e o mais importante, desde a Grécia antiga, sobre matemática superior, *Ars Magna*. Ainda hoje se estuda a “fórmula de Cardano”. Seus desenhos inspiraram a invenção do eixo cardã (daí seu nome), um componente da transmissão utilizado atualmente, por exemplo, em veículos com motor dianteiro e tração traseira. Segundo especialistas em Shakespeare, a obra do médico renascentista *De Consolatione*, sobre o sofrimento, foi a base para o monólogo de Hamlet.

Foram mais de 100 livros, muitos deles best-sellers; mas as acusações de irreligiosidade que proliferaram nos séculos seguintes, associadas à opinião de que o italiano seria louco e tomado pelo diabo, colocou-o à margem da memória. Cumpre a nós, médicos, resgatá-lo para o seu devido lugar. Girolamo Cardano, com justiça, merece estar no panteão dos nossos ilustres colegas de profissão. ◆

*Escritor e médico especialista em Alergia-Imunologia. Autor, entre outros, do romance histórico Cardano – Ascensão, tragédia e glória na Renascença italiana, Editora Record